

EMPREENDEDORAS NEGRAS NO BRASIL – UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE ADVERSIDADES E SUPERAÇÃO

BLACK ENTREPRENEURS IN BRAZIL – AN EXPLORATORY STUDY ON ADVERSITIES AND OVERCOME

Prof.º. Mestre Heraldo Márcio de Aguiar — Universidade Nove de Julho – UNINOVE/SP
heraldo.aguiar@gmail.com

Prof.ª Dra. Vânia Maria Jorge Nassif — Universidade Nove de Julho - UNINOVE/SP;
vania.nassif@gmail.com

Prof.ª Dra. Márcia Maria Garçon —Universidade São Judas Tadeu/SP
mgarcon@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo identificar, por meio de um estudo teórico, como as empreendedoras negras superam as adversidades diante das vulnerabilidades que lhes são causadas por questão de gênero e etnia. Descreve as desigualdades que as atingem, especialmente relativas à violência de estereótipo em diversos setores e como a literatura aborda a importância de corroborar para dar voz e lançar luz na superação das adversidades.

Este estudo ganha relevância ao diminuir uma lacuna que persiste nos estudos de empreendedorismo por minorias no Brasil: de investigar mulheres negras de forma isolada, como um objeto específico de estudos dentro do campo.

Os achados sugerem que se trata de um tema emergente de grande importância não apenas para a área de empreendedorismo, mas para áreas correlatas e específicas como a psicologia e sociologia. Abre perspectivas interessantes para novas pesquisas voltadas para rever possíveis soluções que envolvam empreendedoras negras no Brasil como forma de superarem as adversidades.

O texto contribui para oferecer o caráter interdisciplinar dos estudos teóricos em empreendedorismo a partir da análise do fenômeno, a fim de entender a capacidade de superação das empreendedoras negras frente aos estereótipos de gênero e etnia, ainda pouco estudado no campo do empreendedorismo no Brasil.

Os resultados poderão contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas, educacionais, sociais, culturais e, desenvolver ações de cidadania antidiscriminatória que poderão favorecer minorias que queiram empreender.

Palavras-chave: empreendedoras negras; capacidade de superação; minoria; adversidades.

ABSTRACT

This article aims to identify, through a theoretical study, how black female entrepreneurs overcome adversity regarding the vulnerabilities caused to them by gender and ethnicity. It describes the inequalities affecting black women, especially regarding stereotype violence in different sectors, and how the literature addresses the importance of corroborating to give voice and shed light on the overcoming of adversities.

This study gains relevance by eliminating a gap that still persists in studies of entrepreneurship by minorities in Brazil: of studying black women in isolation, as a specific object of studies within the field.

The findings suggest that this is an emerging topic of great importance not only for the area of entrepreneurship, but for related and specific areas such as psychology and sociology. It opens interesting perspectives for further research aimed at reviewing possible solutions involving black female entrepreneurs in Brazil as a way to overcome adversity.

The text contributes to offer the interdisciplinary character of theoretical studies in entrepreneurship from the analysis of the phenomenon in order to understand the ability

of black entrepreneurs to overcome the stereotypes of gender and ethnicity, still little studied in the field of entrepreneurship in Brazil.

The results will be able to contribute to the development of public, educational, social, cultural policies, and to develop anti-discriminatory citizenship actions that can favor minorities that want to undertake.

Keywords: black female entrepreneurs; ability to overcome; minority; adversity.

1 Introdução

Estudos sobre adversidades enfrentadas por mulheres apenas por serem mulheres não são recentes e abarcam diferentes olhares, situações e cenários. Catardo (2005) e Raposo & Astoni (2007), por exemplo, enfocaram a luta pelos direitos e igualdade apontando que ainda falta muito a conquistar neste campo.

A luta pelos direitos iguais esconde uma situação ainda mais conflitiva: a discriminação por gênero que pode impactar o emocional das mulheres que correm o risco de sentirem-se desmotivadas, incapazes e infelizes em seus projetos pessoais principalmente quando relacionado ao empreendedorismo. Um ambiente machista e pautado pela sociedade do patriarcado (Nassif, Hashimoto, Borges, Falce & Lima, 2020) contamina o ambiente de negócios e mulheres que empreendem passam por conflitos emocionais que podem influenciar negativamente o seu processo empreendedor.

A mulher empreendedora vive situações próprias do gênero como conflito em conciliar o trabalho-família, que gera atrito entre as atividades do trabalho doméstico, o cuidado dos filhos e o empreendimento, e a superação de tais conflitos demanda resiliência (McGowan, Redeker, Cooper & Greenan, 2012; Nassif et al., 2020).

Estudos mostram que essa experiência é comum entre mulheres brasileiras e alinham-se à de empreendedoras no mundo todo, conforme o Banco Mundial e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, (OCDE) 2020. Esse organismo mostrou que as empreendedoras têm gastado mais tempo com tarefas domésticas do que os homens que também são donos de negócios.

Esse é um retrato do empreendedorismo por mulheres que a literatura do campo já consolidou: mulheres enfrentam desafios extras por conta do gênero, que implica em atender os papéis sociais esperados por uma sociedade machista e patriarcal (Natividade, 2009; Nassif, Hashimoto, Borges, Falce & Lima, 2020; Bertolami, Artes,

Gonçalves, Hashimoto & Lazzarini, 2018). Elas enfrentam uma dupla ameaça de estereótipo, a racial e a de gênero.

De acordo com Steele & Aronson (1995), ameaça de estereótipo é uma situação psicológica social que surge quando estereótipos amplamente conhecidos sobre um grupo influenciam o modo que um indivíduo se autocaracteriza ou se conforma com a visão mantida por outros.

O relatório Empreendedorismo Feminino 2019 divulgado pelo SEBRAE (2019) traz informações que confirmam esse quadro de ameaças e racismo, além de apontar que as mulheres, de um modo geral, correspondem a 34% dos empreendedores brasileiros e a maior parte delas empreende por necessidade, porque querem ser independentes e terem uma fonte de renda. Esse relatório mostra ainda que as mulheres negras correspondem a 17% dos empreendedores do país, cerca de 4,7 milhões de mulheres negras donas de negócio no Brasil, sendo os estados de São Paulo e Bahia os mais representativos desta amostra.

O empreendedorismo por necessidade é maior entre as mulheres negras (49%) do que entre as mulheres brancas (35%), as mulheres negras são mais jovens do que as empreendedoras brancas, possuem menos escolaridade e têm menos tempo à frente de seu empreendimento. Proporcionalmente, há mais mulheres negras trabalhando sem sócias do que mulheres brancas e, em geral, há menos mulheres negras empregadoras do que mulheres brancas, o que significa que os empreendimentos das mulheres negras têm porte menor e, em geral, há mais empreendedoras negras trabalhando em casa do que empreendedoras brancas atuando na mesma condição (SEBRAE, 2019).

Estas reflexões suscitaram inquietações e demonstram que há lacunas que precisam ser mais bem compreendidas, em um contexto duplamente discriminatório. Assim, este estudo se propõe a responder a seguinte questão: como as empreendedoras negras superam as adversidades diante das vulnerabilidades que lhes são causadas por questão de gênero e etnia?

Trata-se de um tema desafiador ao levantar questões que interferem na ordem social, econômica e política dificultando a ação de empreendedoras negras no Brasil, além de ir de encontro ao artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil que explicita:

[...]Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a

inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (BRASIL - 1988).

Os estudos que abordam este tema demonstram, com clareza, que o preconceito contra o negro em geral e especialmente entre as mulheres negras são exemplos das altas taxas de violência que as atingem nas áreas domésticas, corporativa, acadêmica e financeira (Raposo & Astoni, 2007; Corradi, 2009).

Além disso, demonstram constante violação dos direitos fundamentais, especialmente o da igualdade que não ecoa nas relações pessoais quando os negros, em especial as mulheres, têm tal direito violado, conforme consta no artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil.

Este estudo descreve as desigualdades que atingem as mulheres negras, especialmente relativas à violência de estereótipo em diversos setores e como a literatura aborda a importância de corroborar para dar voz e lançar luz na superação das adversidades, ainda, identifica as reais ameaças aos negócios próprias e específicas das empreendedoras negras no Brasil e como elas lidam e superam tais adversidades. Os resultados poderão contribuir para o desenvolvimento de políticas que poderão favorecer minorias que queiram empreender.

3 Referencial teórico

3.1 Metodologia

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio do método qualitativo de natureza exploratória e descritiva (Creswell, 2016), com o objetivo de coletar dados a partir da literatura nacional e internacional pertinentes à realidade da mulher negra empreendedora, bem como suas adversidades e comportamentos de superação.

Realizou-se revisão de literatura colocando em diálogo estudos de abordagens e paradigmas diferentes buscando-se responder ao problema de pesquisa: como as empreendedoras negras superam as adversidades diante das vulnerabilidades que lhes são causadas por questão de gênero e etnia.

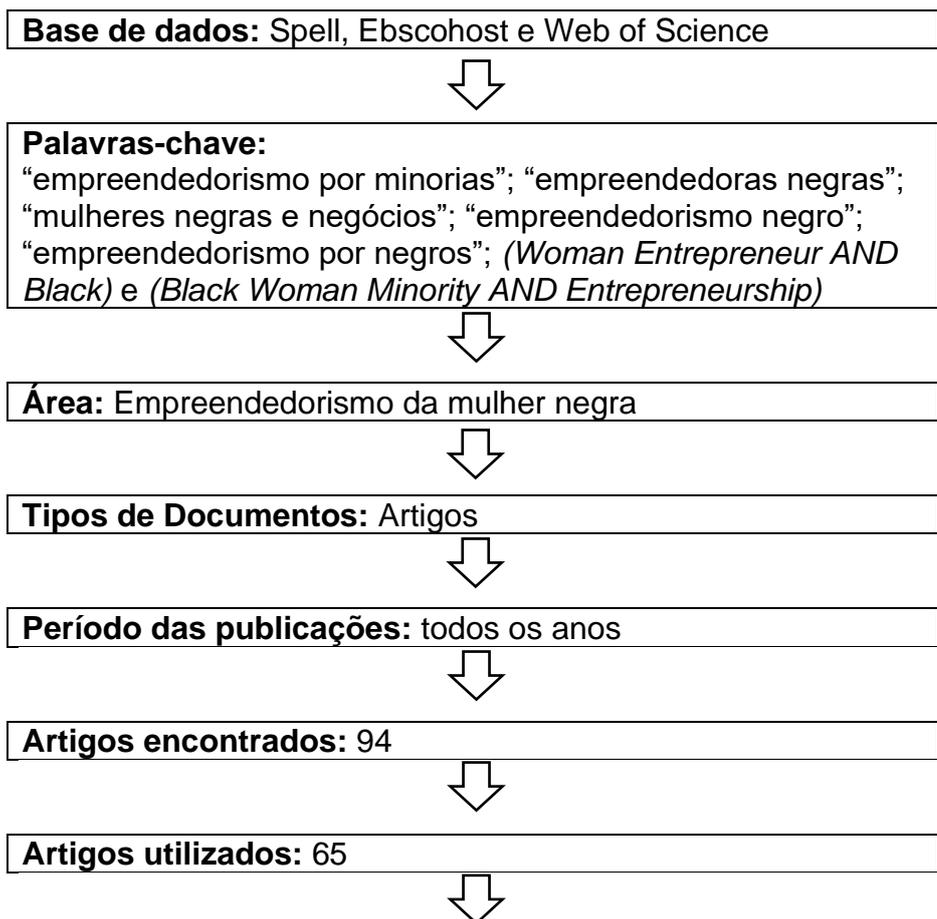
Ao respondê-lo, propõe-se identificar possíveis comportamentos de enfrentamento e superação desses problemas que podem ser uma ameaça a seus empreendimentos.

As buscas de artigos foram realizadas na *Spell*, *Ebscohost* sob os descritores “empreendedorismo por minorias”; “empreendedoras negras”; “mulheres negras e

negócios”; “empreendedorismo negro”; “empreendedorismo por negros” em suas formas singular e plural e na base de dados da *Web of Science (WoS)*, utilizando-se as *strings (Woman Entrepreneur AND Black)* e *(Black Woman Minority AND Entrepreneurship)*. Foram obtidos 83 artigos cujos *downloads* foram efetuados para a realização da leitura dos textos, considerando-se apenas documentos do tipo artigos completos.

Com o intuito de tornar a base de dados mais robusta para a pesquisa, as buscas foram refinadas por meio da técnica bola de neve (Biernarck & Waldorf, 1981) que trouxe para a pesquisa mais 11 artigos. No total, 94 artigos foram selecionados para a análise. Submetidos ao critério de alinhamento com o objetivo deste estudo, foram eliminados 29 artigos por duplicidade e por estar fora do escopo da pesquisa e, por fim, 65 artigos seguiram para a revisão narrativa. Adotando-se o critério de alinhamento desses estudos, o *corpus* de análise foi finalizado em 65 artigos e 2 publicações.

A figura 1 apresenta o desenho da pesquisa realizada.



Publicações em base de dados: 02

Figura 1: Desenho da pesquisa.
Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Para fazer a gestão dos dados, o *software* Atlas.ti foi utilizado por se tratar de um programa especializado em análise qualitativa de grande volume de dados textuais, gráficos, áudio e vídeo. Este software possui ferramentas que ajudam a organizar, remontar e gerir o seu material de forma criativa e sistemática. Os artigos foram inseridos no Atlas.ti para codificação e posterior alimentação de uma planilha com resumos dos assuntos e, a posteriori foram importados para o Zotero para organização.

3.2 Aspectos facilitadores para empreender

Estudos sobre os aspectos facilitadores foram realizadas por diferentes autores em países como Itália, Noruega, Suécia, Inglaterra e EUA, e neste último, por Smith-Hunter & Boyd (2004) que mostram *insight* predominante de como as empreendedoras minoritárias são orientadas à autorrealização, altamente motivadas a serem chefes de si mesmas, donas do próprio negócio e ganharem mais dinheiro para empreender. Outro facilitador está no campo dos relacionamentos em que as mulheres negras tendem a contar com a família e amigos mais do que os homens (Greve & Salaff, 2003), têm laços mais fortes nas redes sociais e são capazes de lidar com o estresse e obter apoio social a partir desses laços (Taylor & Torpe, 2004; Robinson & Stubberud, 2011), e ao atuarem como empreendedoras, têm poucos funcionários, e se não puderem pagá-los, seus familiares e amigos são mão de obra acessível sem que tenham de oferecer empregos formais a alguém, (Cederberg & Villares-Varela, 2019; Jackson, 2020), logo, a vida em comunidade facilita e pode até ser benéfica às empreendedoras.

Estudos mostram que a vida em comunidade (Smith-Hunter & Boyd, 2004), pode beneficiar as empreendedoras minoritárias (negras, hispânicas e imigrantes) de diversas formas. Primeiro, a ausência de comércio majoritário nos bairros minoritários pode abrir oportunidades para empresas minoritárias reduzindo a concorrência (Smith-Hunter & Boyd, 2004). Segundo a solidariedade de grupo existente nesses bairros pode encorajar os empreendedores minoritários a patrocinar empresas minoritárias situadas na comunidade local Aldrich, Cater, Jones, MCEvoy & Velleman (1985) e finalmente, a vida em comunidade de um grupo minoritário (negras, hispânicas e

imigrantes), pode fornecer a base para uma economia de cunho étnico (Boyd, 1996b; Raijman, 2001; Smith-Hunter & Boyd, 2004). Nesses bairros, há significativas associações entre a raça da empreendedora e a composição racial do ambiente de negócios, o que implica em as empreendedoras dependerem muito da clientela étnica em mercados racialmente segregados (Smith-Hunter & Boyd, 2004).

Apesar das adversidades, as mulheres negras têm perseverado e continuam a abrir negócios acima da média nacional em diversos setores, (Barr, 2015; Jackson, 2020). Além disso, observa-se que mulheres negras mais estudadas e perseverantes seguiram os passos das brancas primeiro no setor público e depois no privado (Higginbotham, 2001), podendo ter adquirido habilidades para ajudá-las a empreender, (Inman & Grant, 2005), além disso, as descobertas de Jackson (2020), contribuem na explicação de como as mulheres negras enfrentam e processam as adversidades na viabilidade de seus negócios (Barr, 2015).

Muitas iniciativas de networking tendem a ocorrer via reuniões e seminários baseados em questões-chave de interesse comum, tais como técnicas de empreendedorismo e busca de oportunidades. Ao se conectarem, os empreendedores ajudam uns aos outros com informações e conselhos que aumentarão o capital social, conhecimento de negócios e confiança para superar adversidades ou aproveitar mais as oportunidades (OCDE, 2005).

Para Barr (2015), as minorias raciais podem enfrentar uma série de adversidades como falta de acesso ao capital, redes de negócios insuficientes de seus pares, investimentos e oportunidades de negócios, e ausência de habilidades essenciais para a sobrevivência e crescimento do empreendimento, pois há razões para pensar que são propensas a enfrentar tais obstáculos, por exemplo, as famílias lideradas por minorias e mulheres geralmente têm níveis mais baixos de riqueza familiar e isso pode dificultar o investimento interno e o empréstimo externo.

O mesmo autor também sugere três propostas para enfrentar as adversidades comumente enfrentadas pelas empresas minoritárias e por mulheres: 1) acesso ao capital: as pequenas empresas têm necessidades críticas de empréstimos que não seriam atendidas sem a assistência governamental, pois programas de empréstimos garantidos são uma importante fonte de empréstimos privados; 2) acesso às redes de negócios que podem ajudar qualquer empresa a construir sua base de clientes e fornecedores, melhorar o acesso a dívidas e financiamentos patrimoniais e fornecer conselho e suporte úteis. Ainda, podem ser especialmente benéficas para empresas

novas e menores; 3) acesso ao desenvolvimento de habilidades onde muitos empreendedores e proprietários de pequenos negócios precisam ter acesso a elas, contudo, os treinamentos muitas vezes não contemplam as necessidades reais e restrições de tempo, o que pode ser substituído pela contratação de funcionários capacitados ou pelo uso de consultorias.

A interseccionalidade no estudo da propriedade de negócios considera a raça, classe e gênero que se cruzam para influenciar materialmente as experiências de vida e os resultados das pessoas e de seus negócios (Romero & Valdez, 2016).

Inman (2000), além de comparar mulheres brancas e negras que tinham salões de beleza, agências de viagem, escritórios de advocacia (idade, educação, classe social e contexto familiar), constatou que elas decidiam empreender por causa das opções limitadas no mercado de trabalho.

Do ponto de vista da solidariedade e apoio emocional, mulheres que vivem em comunidade encontram ali o apoio étnico, o que pode impulsionar o empreendimento de minorias (Davidsson & Honig, 2003; Jackson, 2020). Corroborando esses dados, Juma & Sequeira (2017) citam que este apoio pode ajudar a superar a falta de reputação, de legitimidade e dificuldade de entrada no mercado.

Jackson (2020) cita que a convivência em comunidade proporciona apoio emocional e social, pois as mulheres negras tendem a ter mais família e amigos em suas redes sociais e podem contar com essas redes quando empreendem (Taylor & Thorpe, 2004; Robinson & Stubberud, 2011; Cederberg & Villares-Varela, 2019). Tal apoio ou suporte emocional pode servir como um recurso crucial para aquelas que têm menos acesso ao capital financeiro e redes de vínculos fortes (Jackson, 2020). Ainda, o apoio familiar permite a percepção da maternidade e do emprego como atividades compatíveis e não concorrentes (Murrell, 1991), e incentiva as mulheres negras a buscarem metas educacionais não disponíveis para seus genitores (Murrell, 1991; Higginbotham & Weber, 1992).

Outro apoio que recebem é a ajuda no cuidado de seus filhos por outras mulheres da comunidade enquanto empreendem, além do incentivo e aconselhamento jurídico de familiares e amigos (Jackson, 2020). A solidariedade e a existência de uma rede de contatos são imensamente importantes para se empreender, pois constatou-se que as empreendedoras negras se juntam, principalmente, às redes e organizações profissionais que atendem mulheres negras (Jackson & Sanyal, 2019; Jackson, 2020). O envolvimento na comunidade serve como uma ferramenta instrumental para

mulheres negras empreendedoras, pois as comunidades as veem como empreendedoras e as convidam para palestras, solicitam sua experiência e conselhos (Jackson, 2020).

No que diz respeito à lucratividade, Jackson (2020) constatou que mulheres e proprietários de empresas de minorias (negras, hispânicas e imigrantes) lutam para gerar lucros comparáveis aos dos homens brancos (Barr, 2015).

Segundo Jackson & Sanyal (2020), existem várias razões para empresas de mulheres negras serem menos lucrativas do que outras, por exemplo, marginalização, menos estudo e fundos de *startups* para os negócios, menor propensão a ter um pai autônomo (Fairlie & Robb, 2007) ou um familiar empreendedor, menos treinamento, menor compartilhamento de recursos e informações, menos transferência de capital humano ao longo de gerações e menos oportunidades de obter experiências (Loscocco & Leicht, 1993).

A identificação dos facilitadores na literatura está contemplada na Tabela 1 e agrupa os que mais se destacaram.

Tabela 1 – Principais facilitadores para mulheres negras superarem as adversidades

Facilitadores	Autores / Datas
São destemidas, autoconfiantes, apaixonadas e identificadas com seus empreendimentos.	Jonathan (2005)
Possuem grande flexibilidade e habilidade de enxergar as pessoas como um todo.	Fleury (2013)
Tendem a contar com a família e amigos, além de terem amigos mais amigáveis em suas redes sociais	Robinson & Stubberud (2011); Taylor & Torpe (2004); Greve & Salaff (2003)
A vida em comunidade, pode beneficiar as empreendedoras negras de diversas formas. Também fornece bases para uma economia étnica forte. Geram relacionamentos amistosos fortes para lidar com estresse e obter apoio social na comunidade.	Smith-Hunter & Boyd (2004); Rajiman (2001); Jackson (2020)
Dependem do apoio de seus clientes coétnicos e podem compensar as desvantagens financeiras situando suas empresas em bairros habitados por coétnicos.	Jackson (2020); Smith-Hunter & Boyd (2004)
Enfrentam e processam as adversidades para manter a viabilidade de seus negócios.	Jackson (2020); Barr (2015)
Buscam conselhos e lamentam o racismo de gênero, bem como oferecem apoio social e recursos que não estavam recebendo de seus entes familiares.	Jackson & Sanyal (2019)

A convivência em comunidade proporciona apoio emocional.	Cederberg & Villares-Varela (2019); Robinson & Stubberud (2011); Taylor & Thorpe (2004)
Tendem a ter mais família e amigos em suas redes sociais e podem contar com essas redes para suporte emocional e social quando se tornam donas de negócios.	Cederberg & Villares-Varela (2019; Robinson & Stubberud (2011); Taylor & Thorpe (2004)
O apoio de parentes permitiu que as mulheres negras percebessem a maternidade e o emprego como atividades compatíveis, e não concorrentes.	Murrell (1991)
A vida em comunidade oferece ajuda na forma de cuidados de seus filhos por outras mulheres para que possam trabalhar, além de receberem conselhos de familiares e amigos.	Davidson et al. (2010); Jackson (2020)
O envolvimento na comunidade serve como uma ferramenta instrumental para mulheres negras que são empreendedoras, pois os membros das comunidades as veem como empreendedoras e as convidam para palestras, solicitam sua experiência e conselhos.	Jackson (2020)
A solidariedade é a existência de uma rede de contatos que é imensamente importante para se empreender; as empreendedoras negras se juntam, principalmente, às redes e organizações profissionais que atendem pessoas e mulheres negras.	Jackson (2020)
As mulheres negras adquirem habilidades profissionais para ajudá-las a abrir seus negócios.	Jackson (2020); Inman & Grant (2005); Barr (2015)
Possuem boa capacidade de persuasão, se preocupam com seus fornecedores e clientes.	Villas Boas (2010)
Possuem excelente capacidade de multiprocessamento de informações que ajudam na visão sistêmica não sequencial da realidade.	Fleury (2013)
São consolidadoras e impulsionadoras de negócios e enxergam além.	Dornelas (2016)
Localizam e se aproveitam das oportunidades que aparecem.	Dornellas (2016)
Têm preocupação em não ter capital suficiente, contrair dívidas com o marido, o que poderá vir acompanhado de cobrança, medo de fracassar, ou de ser um dinheiro malgasto ao criar a própria empresa.	Noguera et al. (2013a)
As que possuem diploma universitário e tendem a entrar em campos de geração de receita mais alta e têm as habilidades para fazer isso.	Lofstrom et al. (2013)
São altamente motivadas a se tornarem empreendedoras orientadas à autorrealização, motivadas e serem suas próprias chefes, para terem um negócio próprio e ganharem mais dinheiro.	Smith-Hunter & Boyd (2004)

Têm poucos funcionários ou quando não podem pagá-los, seus familiares e amigos fornecem mão de obra acessível sem que tenham de oferecer empregos formais a alguém.	Cederberg & Villares-Varela (2019); Jackson (2020)
As mulheres negras têm perseverado, apesar de muitas adversidades e barreiras e continuam a abrir negócios bem acima da média nacional em uma grande variedade de setores.	Barr (2015); Jackson (2020)
Observa-se que mulheres negras mais estudadas e auxiliadas pela ação de perseverança, seguiram as mulheres brancas primeiro nas profissões do setor público e depois no setor privado.	Higginbotham (2001)
A interseccionalidade no estudo da propriedade de negócios leva em consideração raça, classe e gênero e estas se cruzam para influenciar materialmente as experiências de vida e os resultados das pessoas e de seus negócios.	Romero & Valdez (2016)
Decidiam empreender por causa das opções limitadas no mercado de trabalho normal.	Inman (1999)
Podem contar com sua comunidade para superar a falta de reputação, de legitimidade e dificuldade de entrada no mercado.	Juma & Sequeira (2017)
Os membros da família incentivam as mulheres negras a buscar metas educacionais não disponíveis para a geração de seus pais.	Higginbotham & Weber (1992); Murrell (1991).
Lutam para gerar lucros comparáveis aos dos homens brancos.	Jackson (2020); Barr (2015)
Chamam a atenção para as atividades empreendedoras das mulheres negras migrantes, examinando confrontos, negociações e diálogos entre papéis sociais simultâneos e às vezes conflitantes.	Forson (2013); Knight (2016)

Fonte: Elaborada pelos autores.

Observam-se na Tabela 1 situações vivenciadas pelas mulheres empreendedoras negras que indicam como elas superam as adversidades geradas por estereótipos no empreendedorismo identificados na literatura, e serão tratadas como aspectos emocionais, afetivos e cognitivos que podem amparar suas ações na superação das adversidades.

3.3 Análise dos resultados

Ao fazer uma análise dos dados extraídos da literatura, fica claro que as adversidades vivenciadas por mulheres empreendedoras negras recaem sobre duas facetas, racial e de gênero. Não obstante esses estereótipos serem recorrentes nas

ações dessas empreendedoras, identifica-se também os aspectos que contribuem na superação dessas adversidades.

Mesmo sob a égide da necessidade, há perseverança e sentimento de autorrealização (Smith-Hunter & Boyd, 2004; Barr, 2015; Jackson, 2020), elas são capazes de identificar oportunidades e contam com a rede e comunidade para superarem as adversidades (Juma & Sequeira, 2017). O sentimento de solidariedade é presente entre as empreendedoras negras, pelo fato de serem duplamente discriminadas (Jackson, 2020) e esses sentimentos as fortalecem.

Boa parte dos textos trazem os aspectos emocionais para explicarem a capacidade de superação frente às adversidades. Nassif et al., (2020), por exemplo, pontuam que há necessidade de valorizar a afetividade e as emoções mais presentes no fazer empreendedor, além das cognições, pois o equilíbrio entre esses fatores pode contribuir para a superação dos aspectos discriminatórios relacionados ao gênero e, Jackson (2020) corrobora ao mencionar as questões raciais.

Frese & Gielnik (2014) identificaram os fatores relacionados a ambos os constructos que podem levar o empreendedor, de maneira geral, homens e mulheres, ao sucesso, tais como: a) personalidade que dá suporte aos fatores motivacionais e afetivos; b) condições cognitivas e sociais que estão vinculadas aos fatores motivacionais/afetivos; c) fatores motivacionais/afetivos que dependem das condições cognitivas e sociais; d) antecedentes cognitivos que são influenciados pelas condições cognitivas e sociais, que levam às características de ação que ainda são influenciadas pelo ambiente. Segundo Collings, Hanges & Locke (2004) esses fatores estão profundamente relacionados à motivação situacional.

A tipologia de ameaças enfrentadas pelas empreendedoras brasileiras desenvolvida por Nassif et al., (2020) traz uma robusta identificação de adversidades nascidas da afetividade dessas mulheres como, por exemplo, a pressão de tempo e cenários hostis, além da insegurança em relação à sua competência frente a tantas adversidades e dificuldades impostas pela discriminação de gênero (como machismo, preconceito e assédio). Por outro lado, esses autores registram que para cada ameaça existem comportamentos de superação ou seja: a) conflito de papéis: resiliência, diálogo, negociação, flexibilidade para adequar ao contexto, busca de equilíbrio entre vida pessoal e profissional e busca de apoio familiar; b) ameaças efetivas, tais como atuar sob pressão de tempo e cenários hostis, insegurança em relação à competência: resiliência, controle emocional, diálogo e negociação; c) ameaças do patriarcado

(machismo, preconceito e assédio): uso de rede de contato masculino, força na negociação com bancos e clientes, resiliência e aprender a lidar com situações adversas e d) ameaças ao negócio: controle emocional, enfrentamento de situações constrangedoras, combate ao machismo, preconceito, assédio e aprender a agir em situações de pressão.

As vivências individuais e os afetos explicam as relações existentes entre a motivação e a cognição para enfrentar adversidades e barreiras (Welpe, Spörrle, Grichnik, Michl & Audretsch, 2011). As pessoas recorrem às capacidades e recursos disponíveis incluindo a afetividade, aspectos cognitivos, sociais e estruturais para encontrarem forças frente às adversidades dos negócios (Sommer, Howell & Hadley, 2016).

Por exemplo, o estudo de Nassif et al., (2020) revela o comportamento cognitivo de superação adotado para cada uma das situações de incerteza criadas pela afetividade e registra que para cada ameaça existe um comportamento de superação, portanto, são diversas as formas de superação das adversidades.

3.4 Considerações finais

Em termos de nação, é importante observar que para construir ideias hegemônicas, ou seja, que unifiquem vários tipos de gêneros e que esse processo de tratamento seja individual, deve-se valorizar a capacidade e importância do ser humano, não somente suas questões étnicas, mas também aquilo que transparece ser verdadeiramente, principalmente em seus conceitos morais e nas suas contribuições, que legará para uma sociedade sem malefício cultural.

Portanto, ser mulher em um ambiente de empreendedorismo dominado por homens representa um desafio enorme, e esse contexto restritivo para as mulheres negras torna-se atrativo para estudos futuros.

4 Limitações da pesquisa

Este estudo contribui para a literatura, uma vez que desafia o discurso tradicional do empreendedorismo que produz uma visão homogênea dos empreendedores e omite variáveis históricas e sociais. Este tema vem suscitando reflexões e posicionamento frente às barreiras, adversidades, ao racismo, ao preconceito e outras dificuldades enfrentadas por empreendedoras negras. O estudo é muito relevante e está sendo realizado no Brasil, um país de maioria populacional de pessoas de pele negra que

tiveram um histórico de escravidão, racismo, desigualdade social e muita dificuldade de se inserirem no mercado (Rezende, Mafra & Pereira, 2018). A base de dados e os estudos seminais de Paixão (2003) e Davies (2009) indicam que há um silenciamento acadêmico (Oliveira, Pereira & Souza, 2013) sobre o tema em estudo.

Pode-se perceber esse “silenciamento” na obra de Ferreira, Loiola & Gondim (2020), que apresenta a produção científica em empreendedorismo no Brasil no período entre 2004 e 2020, mas não foi encontrada menção ao empreendedorismo feito por negros ou mulheres negras. Ressalta-se, ainda, que há estudos que abordam barreiras e dificuldades enfrentadas por empreendedoras negras (Maciel & Grillo, 2009; IPEA, 2013; Oliveira, Pereira & Souza, 2013; Mafra, Rezende & Pereira, 2018). Apesar dos nítidos avanços educacionais das mulheres brasileiras, particularmente as mulheres negras encontram fortes barreiras para converter suas melhores qualificações em maiores vantagens no mercado de trabalho (IPEA, 2013).

Atualmente, são poucos os trabalhos publicados sobre o tema, de acordo com a revisão bibliométrica feita por Oliveira & Pesseti (2020). Nesta revisão bibliométrica os autores buscaram identificar quais os fatores que influenciam o empreendedorismo feito por pessoas negras no Brasil, visto que há poucos trabalhos sobre empreendedorismo feito por negros no mundo, bem como neste Brasil. Corroborando as buscas efetuadas para a realização desta pesquisa, encontraram-se alguns estudos referentes ao negro em geral ou que compraram o empreendedorismo feito por negros com o empreendedorismo feito por brancos ou ainda empreendedorismo feito por mulheres, que são na maioria mulheres brancas, mas quanto ao empreendedorismo feito por mulheres negras, ainda são poucos os estudos disponíveis e muito menos estudos identificam facilitadores para a mulher negra empreender.

5 Pesquisas futuras

Sugere-se que este estudo poderá auxiliar pesquisadores que pretendam dar continuidade aos estudos desse fenômeno que é o empreendedorismo da mulher negra. Ainda, sugere-se que pesquisadores possam utilizar os facilitadores identificados nesta pesquisa para desenvolver estudos quantitativos que validem o uso prático desses facilitadores no cotidiano da empreendedora negra no Brasil.

Além disso, pesquisadores precisam incluir em seus estudos o fato de que as emoções e o pensamento cognitivo são interdependentes e complementares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDRICH, H.; CATER, J.; JONES, T.; MC EVOY, D; & VELLEMAN, P. (1985). Ethnic Residential Concentration and the Protected Market Hypothesis. University of Manitoba. <https://doi.org/10.2307/2578603>.
- BARR, M. S. (2015). Minority and women entrepreneurs: Building capital, networks, and skills. Available at: <https://repository.law.umich.edu/other/78>.
- BARON, R. A., HMIELESKI, K. M., & HENRY, R. A. (2012). 'Entrepreneurs' dispositional positive affect: The potential benefits—and potential costs—of being “up.”, *Journal of Business Venturing*, Vol. 27 No. 3, pp. 310-324. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2011.04.002>.
- BARON, R. A. (april, 2008). The role of affect in the entrepreneurial process. *The Academy of Management Review*. v.33, n.2. <https://doi.org/10.5465/amr.2008.31193166>.
- BERTOLAMI, M., ARTES, R., GONÇALVES, P. J. M., HASHIMOTO, M., & LAZZARINI, S. G. (2018). Sobrevivência de Empresas Nascentes: Influência do Capital Humano, Social, Práticas Gerenciais e Gênero. *RAC*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, art. 1, pp. 311-335, maio/junho, 2018, <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2018160121>. Disponível em <http://www.anpad.org.br/rac>.
- BOYD, R. L. (1996). Demographic Change and Entrepreneurial Occupations: African Americans in Northern Cities. *The American Journal of Economics and Sociology*, Vol. 55, No. 2 (Apr. 1996), pp. 129- 143 Published by: American Journal of Economics and Sociology, Inc. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/3487072>. <https://doi.org/10.1111/j.1536-7150.1996.tb03191.x>. Accessed: 09-02-2016 21:47 UTC.
- BURNS, R. A., & ANSTEY, K. J. (2010). The Connor–Davidson Resilience Scale (CD-RISC): Testing the invariance of a uni-dimensional resilience measure that is independent of positive and negative affect. *Personality and Individual Differences*, 48(5), 527-531. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.11.026>.
- CACCIOTI, G., & HAYTON, J. C. (2015). Fear and entrepreneurship: A review and research agenda. *International Journal of Management Reviews*. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-48922018000200178&script=sci_arttext. <https://doi.org/10.1111/ijmr.12052>.

- CARDON, M. S., FOO, M. D., SHEPHERD, D., & WIKLUND, J. (2012). Exploring the heart: Entrepreneurial emotion is a hot topic. *Entrepreneurship Theory & Practice*, 36(1), 1-10. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2011.00501.x>.
- CATARDO, E. (2005). 3º setor e governo: A máquina social. Publicado em 02/03/2005. Disponível em: <http://www.responsabilidadesocial.com/artigo/terceiro-setor-e-governo-a-maquina-social/>. Acessado em 10/11/2021.
- CEDERBERG, M., & VILLARES-VARELA, M. (2018). Ethnic entrepreneurship and the question of agency: the role of different forms of capital, and the relevance of social class. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 1–18. doi:10.1080/1369183x.2018.1459521.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, Art. 5º. Disponível em: <http://siga.arquivonacional.gov.br/index.php/politicas/408-artigo-legislacaoconstituicao>.
- COOPER, N., ESTES, C. A., & ALLEN, L. (2004). Bouncing back. *Parks & Recreation (Ashburn)*, 39 (4), 28-35.
- CRESWELL, J. W. & POTH, C. N. *Qualitative Inquiry & Research Design. Choosing Among Five Approaches*. California: SAGE Publications, Inc. 2455, 2016.
- DAMASIO, A. R. *Descartes' Error: Emotion, Reason and the Human Brain*. New York: Avon Books, 1994.
- DAVIDSON, R. J. (1994). On emotion, mood, and related affective constructs. *The nature of emotion: Fundamental questions*, pp.51-55. New York. Oxford University Press.
- DAVIDSSON, P., & HONIG, B. (2003). The role of social and human capital among nascent entrepreneurs. *Journal of Business Venturing* 18 (2003) 301–331. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(02\)00097-6](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(02)00097-6).
- DAVIDSON, M. J., FIELDEN, S. L., & OMAR, A. (2010). "Black, Asian and Minority Ethnic female business owners", *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, Vol. 16 Iss 1 pp. 58. <http://dx.doi.org/10.1108/13552551011020072>.
- DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*, 6 ed. São Paulo, Ed. Atlas, 2016.
- FAIRLIE, R. W., & ROBB, A. M. (2007). Why Are Black-Owned Businesses Less Successful than White-Owned Businesses? *The Role of Families*,

- Inheritances, and Business Human Capital. *Journal of Labor Economics*, 25(2), 289–323. <https://doi.org/10.1086/510763>.
- FLEURY, M. T. L. (2013). Liderança Feminina no Mercado de Trabalho. *GV-Executivo*, 12(1), 46–49. <https://doi.org/10.12660/gvexec.v12n1.2013.20634>. Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/gvexecutivo/issue/view/1271/697>.
- FOO, M. D., UY, M. A., & BARON, R. A. (2009). How do feelings influence effort? An empirical study of entrepreneurs' affect and venture effort. *Journal of Applied Psychology*, 94(4), 1086. <https://doi.org/10.1037/a0015599>.
- FOO, M. (2011). Emotions and entrepreneurial opportunity evaluation. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 35(2), 375-393.232. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2009.00357.x>.
- FORSON, C. (2013). Contextualising migrant black business women's work-life balance experiences. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 19(5), 460–477. <https://doi.org/10.1108/IJEBr-09-2011-0126>.
- FRESE, M., & GIELNIK, M. M. (2014). The Psychology of Entrepreneurship. *Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior*, 1(1), 413–438. doi:10.1146/annurev-orgpsych-031413-091326.
- GREVE, A., & SLAFF, J. W. (2003). Social Networks and Entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*. <https://doi.org/10.1111/1540-8520.00029>.
- HIGGINBOTHAM, E. (2001), *Too Much to Ask: Black Women in the Era of Integration*, Chapel Hill: University of North Carolina Press. <https://doi.org/10.5149/uncp/9780807849897>.
- HIGGINBOTHAM, E., & WEBER, L. (1992), 'Moving up with kin and community: Upward social mobility for black and white women', *Gender and Society*, 6 (3), 416–40. <https://doi.org/10.1177/089124392006003005>.
- INMAN, K. *Women's Resources in Business Start-Up: A Study of Black and White Women Entrepreneurs*, New York: Garland Press, 2000.
- INMAN, K., & GRANT, L. M. (2005). African American women and small business start-up: Backgrounds, goals and strategies used by African American women in the initialization and operation of small businesses. *International handbook of Women and Small business entrepreneurship*. Library of Congress Cataloguing in Publication Data. ISBN 1-84376-012-6. <https://doi.org/10.4337/9781845425586.00018>.

- JACKSON, T. M. (2020). We have to leverage those relationships: How Black women business owners respond to limited social capital. *Sociological Spectrum*, 1–18. <https://doi.org/10.1080/02732173.2020.1847706>.
- JACKSON, T. M., & SANYAL, P. (2019). Struggles and Strategies of Black Women Business Owners in the U.S. *Journal of Business Anthropology*, 8(2), 228–249. <https://doi.org/10.22439/jba.v8i2.5850>.
- JONATHAN, E. G. (2005). Mulheres Empreendedoras: Medos, Conquistas e Qualidade de Vida. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 3, p. 373-382, set./dez. 2005. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000300005>.
- JUMA, N., & SEQUEIRA, J. M. (2016). Effects of entrepreneurs' individual factors and environmental contingencies on venture performance: a case study of African-American women-owned ventures. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, doi: 10.1080/08276331.2016.1248276. To link to this article: <http://dx.doi.org/10.1080/08276331.2016.1248276>.
- KNIGHT, M. (2016). Race-ing, Classing and Gendering Racialized Women's Participation in Entrepreneurship: Racialized Women's Participation in Entrepreneurship. *Gender, Work & Organization*, 23(3), 310–327. <https://doi.org/10.1111/gwao.12060>.
- LOFSTROM, M., BATES, T. & PARKER, S. C. (2013). Why are some people more likely to become small-businesses owners than others: Entrepreneurship entry and industry-specific barriers. *Journal of Business Venturing*. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2013.01.004>.
- LOSCOCO, K. A., & LEICHT, K. T. (1993). Gender, Work-Family Linkages, and Economic Success among Small Business Owners. *Journal of Marriage and the Family*, 55(4), 875. <https://doi.org/10.2307/352769>.
- LUTHAR, S. S., & CICHETTI, D. (2000). The construct of resilience: Implications for interventions and social policies. *Development and psychopathology*, 12(04), 857-885. <https://doi.org/10.1017/S0954579400004156>.
- MANZANO, G., & AYALA, J. C. (2007). ¿Puede la psicología positiva ayudar a comprender el comportamiento del emprendedor? Conocimiento, innovación y emprendedores: camino al futuro. Grupo de Investigación FEDRA, Universidad de la Rioja. disponível em <https://www.researchgate.net/publication/28143597>.
- MITCHELL, R. K., BUSENITZ, L., LANT, T., MCDOUGALL, P. P., MORSE, E. A., & SMITH, J. B. (2002). Toward a theory of entrepreneurial cognition: Rethinking the

- people side of entrepreneurship research. *Entrepreneurship Theory & Practice*, 27(2), 93-104. <https://doi.org/10.1111/1540-8520.00001>.
- MURRELL, P. (1991). *Evolution in Economics and in the Economic Reform of the Centrally Planned Economies*. Department of Economics University of Maryland College Park Md. 20742 USA. Disponível em: <http://econweb.umd.edu/~murrell/articles/Evolution%20in%20Economics.pdf>.
- NASSIF, V. M. J., HASHIMOTO, M., BORGES, C., LA FALCE, J., & LIMA, E. O. (2020). Influência das Ameaças de Gênero e Comportamento de Superação na Satisfação de Empreendedoras. *Future Studies Research Journal: Trends and Strategies*, 12(3). <https://doi.org/10.24023/FutureJournal/2175-5825/2020.v12i3.540>.
- NATIVIDADE, D. R. D. (2009). Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. *Revista de Administração Pública*, 43(1), 231-256. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122009000100011>.
- NOGUERA, M., ALVAREZ, C., & URBANO, D. (2013). Socio-Cultural Factors and Female Entrepreneurship. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 9, 183-197. <https://doi.org/10.1007/s11365-013-0251-x>.
- OCDE (2019) - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. OECD/European Union. (2019). *The Missing Entrepreneurs 2019: Policies for Inclusive Entrepreneurship*. OECD Publishing. Paris.
- PODOYNITSYNA, K., VAN DER BIJ, H., & SONG, M. (2012). The role of mixed emotions in the risk perception of novice and serial entrepreneurs. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36(1), 115-140. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2011.00476.x>.
- RAIJMAN, R. (2001). Determinants of entrepreneurial intentions: Mexican immigrants in Chicago. *Journal of Socio-Economics* 30 (2001) 393–411. [https://doi.org/10.1016/S1053-5357\(01\)00101-9](https://doi.org/10.1016/S1053-5357(01)00101-9).
- RAPOSO, K. C. S., & ASTONI, S. A. F. (2007). A mulher em dois tempos: a construção do discurso feminino nas revistas dos anos 50 e na atualidade. *Cadernos Camilliani. Revista do Centro Universitário São Camilo, ES*, v. 8, n. 2, p. 36-37, 2007.
- ROBINSON, S., & STUBBERUD, H. A. (2011). Social Networks and Entrepreneurial Growth. *International Journal of Management & Information Systems – Fourth Quarter 2011 Volume 15, Number 4*. <https://doi.org/10.19030/ijmis.v15i4.5802>.

- ROMERO, M., & VALDEZ, Z. (2016). Introduction to the special issue: intersectionality and entrepreneurship. Introduction to the special issue: intersectionality and entrepreneurship, *Ethnic and Racial Studies*, 39:9, 1553-1565, <https://doi.org/10.1080/01419870.2016.1171374>.
- RUSKIN, J., SEYMOUR, R. G., & WEBSTER, C. M. (2016). Why create value for others? An exploration of social entrepreneurial motives. *Journal of Small Business Management*, 54(4), 1015-1037. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12229>.
- SMITH-HUNTER, A. E., & BOYD, R. L. (2004). Applying theories of entrepreneurship to a comparative analysis of white and minority women business owners. *Women in Management Review*. <https://doi.org/10.1108/09649420410518403>.
- SOMMER, S. A., HOWELL, J. M., & HADLEY, C. N. (2016). Keeping positive and building strength: The role of affect and team leadership in developing resilience during an organizational crisis. *Group & Organization Management*, 41(2), 172-202. <https://doi.org/10.1177/1059601115578027>.
- STEELE, C. M., & ARONSON J. (1995). Stereotype threat and intellectual test performance of African Americans. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(5), 797–811. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.69.5.797>.
- SUTCLIFFE, K.M. & VOGUS, T. J. (2003). Organizing for resilience. In: Cameron, K.S., Dutton, J.E. and Quinn, R.E., Eds., *Positive Organizational Scholarship: Foundations of a New Discipline*, Berrett-Koehler, San Francisco, 94-110. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/235792901>.
- TAYLOR, D. W., & THORPE, R. (2004). Entrepreneurial learning: a process of co-participation. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 11(2), 203– 211. <https://doi.org/10.1108/14626000410537146>.
- VILLAS BOAS, A. (2010). *Valor feminino: Desperte a riqueza que há em você*. São Paulo. Ed. Do Autor. 2010.
- WALLON, H. (1989). *As Origens do pensamento na criança*. São Paulo: Editora Manole, 1989.
- WELPE, I. M., SPÖRRLE, M., GRICHNIK, D., MICHL, T., & AUDRETSCH, D. B. (2011). Emotions and Opportunities: The Interplay of Opportunity Evaluation, Fear, Joy, and Anger as Antecedent of Entrepreneurial Exploitation. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36(1), 69–96. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2011.00481.x>.

WINDLE, G., BENNETT, K. M. & NOYES, J. (2011). A methodological review of resilience measurement scales. *Health and quality of life outcomes*, 9(8), 1-18. <https://doi.org/10.1186/1477-7525-9-8>.

Nota: O conteúdo expresso no trabalho é de inteira responsabilidade dos(s) autor(es).

Agradecimentos: nossos agradecimentos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Universidade Nove de Julho – UNINOVE pelo suporte para o desenvolvimento deste estudo.